

Tema: <b>Sector Vitivinícola</b>					Âmbito: <b>Nacional</b>	Tiragem: <b>121344</b>
Título: <b>Há que mudar mentalidades no cooperativismo</b>					Temática: <b>Generalista</b>	GRP: <b>11.7</b>
2006/11/11	JORNAL DE NOTICIAS – PRINCIPAL	Pág.37	Imagem: 1/1		Periodicidade: <b>Diaria</b>	Inv.: <b>2250.00</b>

S. João da Pesqueira

# ‘Há que mudar mentalidades no cooperativismo’

Jornadas a realizar hoje vão juntar especialistas na matéria para debater os problemas do sector

250



O modelo de cooperativismo que tão bons resultados deu no passado está a atravessar um período de crise, mais notado nuns sectores do que noutros.

A grave situação financeira

que tomou conta da maioria das adegas cooperativas do Douro é disso um exemplo.

O cooperativismo e as suas dificuldades são o mote para umas jornadas que hoje se realizam em S. João da Pesqueira, no âmbito das comemorações do 250.º aniversário da Região Demarcada do Douro.

“O actual modelo cooperativo está mais do que esgotado, não tem hipótese nenhuma”, opina Silva Fernandes, da organização da iniciativa.

No entanto, acredita que o sector “só não terá futuro se as pessoas não forem capazes de mudar as suas mentalidades”.

É para promover essa mudança que vários especialistas em matéria de cooperativismo vão, hoje, apontar caminhos e deixar pistas para o futuro da actividade.

Silva Fernandes salienta que o principal problema que se verifica neste momento é que os cooperantes “fazem a leitura de uma cooperativa como se fosse outra empresa qualquer”.

Explica que a maior parte apenas está interessada em “entregar o produto e receber o preço mais alto possível por ele”.

Como se não bastasse, a participação dos associados na vida das cooperativas é “diminuta”, o que não ajuda nada ao aparecimento de novas ideias.

A necessidade de formação e sensibilização dos cooperantes é um dos temas que hoje vão ser debatidos.

A Adega Cooperativa de S. João da Pesqueira vai, até, distri-

buir material onde constam os princípios e deveres por que se deve reger o sector.

É que, observa Silva Fernandes, as cooperativas têm de começar a aconselhar os associados sobre formas mais rentáveis de produzir e de tratar as suas colheitas.

Daí que defenda um modelo mais profissional para os corpos directivos que garanta, portanto, melhores condições de rentabilidade.

**Eduardo Pinto**